

Fundação Itaú Unibanco

Com você

Edição Especial – Plano Itaú Unibanco CD – Julho 2017



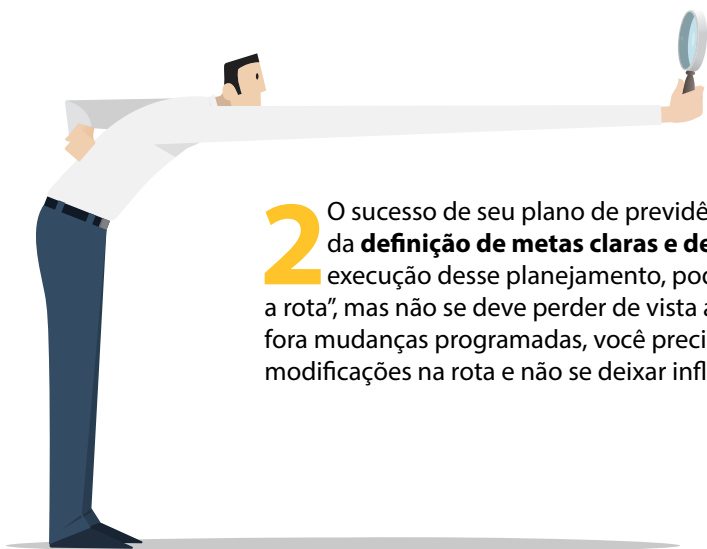
Quer rever o seu perfil de investimento?

A alteração agora pode ser feita duas vezes por ano: nos meses de julho e janeiro. A possibilidade de troca mais frequente exige que você esteja ainda mais consciente e bem-informado para evitar mudanças constantes que costumam prejudicar a performance no longo prazo. Esta edição especial do informativo reforça os principais aspectos a considerar na sua decisão.

Maior frequência exige atenção redobrada

Por decisão do Conselho Deliberativo, a troca de perfil de investimento poderá ser realizada a cada seis meses, em julho (com vigência a partir de setembro) e em janeiro (com vigência em março). **A alteração de perfil não é obrigatória.** A ideia de oferecer mais uma possibilidade de mudança durante o ano é permitir que os participantes e assistidos tenham maior flexibilidade para, se necessário, rever suas escolhas. Aqui estão sete pontos fundamentais para refletir antes de se decidir:

1 O bom desempenho dos investimentos de longo prazo, como os direcionados à aposentadoria, requer disciplina e paciência por parte dos investidores. Sendo assim, a troca de perfil deve resultar de uma profunda reflexão a respeito de como atingir seus **objetivos de longo prazo**. A alteração é justificada, portanto, quando houver incompatibilidade entre o perfil atual e esses objetivos (entenda melhor no item a seguir).



2 O sucesso de seu plano de previdência depende, entre outros fatores, da **definição de metas claras e de um bom planejamento**. Durante a execução desse planejamento, pode haver necessidade de “recalcular a rota”, mas não se deve perder de vista as metas traçadas. Sendo assim, fora mudanças programadas, você precisa refletir bastante antes de realizar modificações na rota e não se deixar influenciar por problemas passageiros.

3 Segundo os especialistas, pessoas mais longe da aposentadoria poderiam, em teoria, escolher investimentos com maior risco, pois teriam capacidade de suportar possíveis desempenhos desfavoráveis no curto prazo, para usufruir de melhores resultados no longo prazo. É, portanto, recomendável que os assistidos prefiram perfis com menores oscilações, uma vez que eventuais rentabilidades negativas impactam seu benefício mensal. A variação nos valores da renda pode gerar problemas na gestão do orçamento doméstico, sobretudo para quem não conta com outras fontes de rendimento.

4 De nada adianta poder correr riscos se uma pessoa não suporta esses riscos. Ou seja, se a flutuação da rentabilidade é motivo de desconforto, e até de angústia, ela deve escolher um perfil que não a exponha a esse tipo de situação, sabendo que, ao optar por tal perfil, provavelmente comprometerá a rentabilidade no longo prazo. Sendo assim, o participante que prefere perfis mais estáveis e deseja obter o mesmo nível de poupança deverá guardar mais dinheiro para atingir o seu objetivo.

5 Se o perfil escolhido atende às suas metas de longo prazo, há ainda outro equívoco possível: decidir trocar seu perfil somente por conta de um desconforto com as variações de curto prazo. Investimentos com horizontes mais longos geralmente apresentam oscilações de curto prazo em função das condições de mercado, fortemente impactadas por expectativas que mudam com frequência. No longo prazo, os fundamentos prevalecem e uma boa gestão possibilita bons resultados.

6 Com a proliferação dos meios de comunicação e a intensidade com que recebemos notícias, ficamos mais expostos a informações imprecisas ou incompletas. É necessário ter um “bom filtro” para não deixar que suas decisões sejam influenciadas por “ruídos”. Assim, evitam-se ações impulsivas que atrapalham a materialização dos objetivos traçados para o longo prazo.

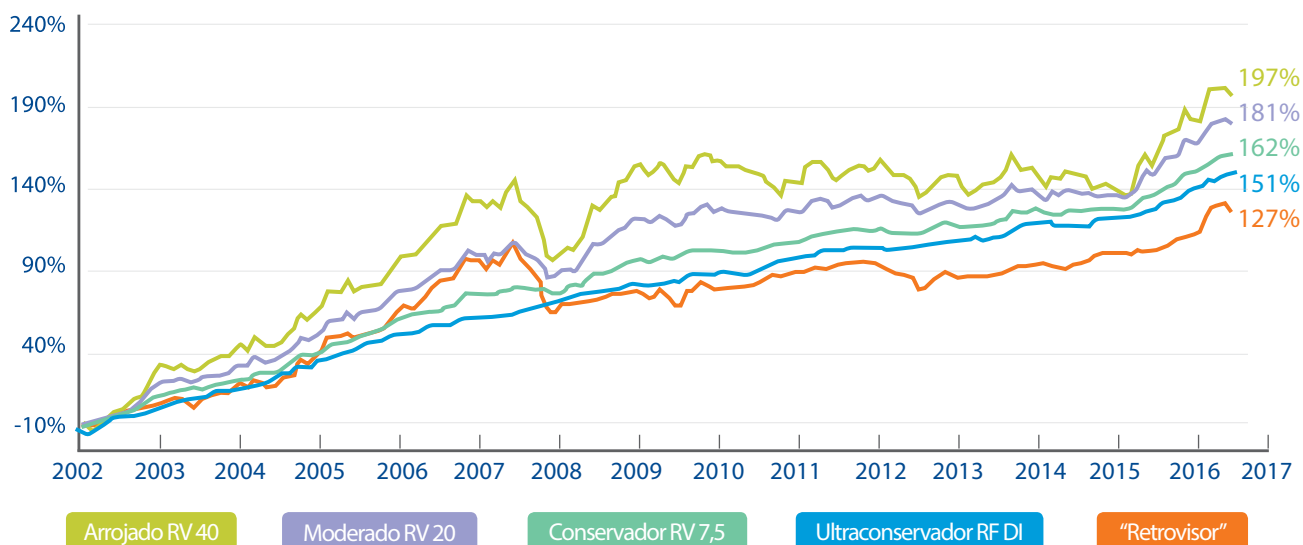
7 Não existe perfil certo ou errado. As quatro opções foram criadas para atender à diversidade de participantes e assistidos que fazem parte do plano. Não há fórmula mágica. Sua escolha deve respeitar suas características e expectativas individuais, seu momento de vida e as perspectivas para o período, pensando sempre no longo prazo.

Olhando para frente...

Um dos erros na hora de avaliar o seu perfil (ou qualquer outro investimento financeiro) é comparar rentabilidades passadas. Os especialistas costumam relacionar esse comportamento a dirigir um carro olhando somente pelo retrovisor. Ou seja, vê-se apenas o que passou e não o que vem pela frente. Um estudo realizado pela área de Gestão de Asset & Liability Management do Itaú Unibanco, que cuida dos investimentos da Fundação, mostrou a inadequação das escolhas feitas dessa forma. A análise simulou o comportamento de um participante que optou sempre por alterar seu perfil para o que obteve a rentabilidade mais alta no período anterior. Observe o resultado final do chamado “perfil retrovisor” que acumula a pior rentabilidade entre todos:

Rentabilidade do perfil “retrovisor” em relação aos 4 perfis

(resultado acumulado acima da inflação, até 31 de maio de 2017*)



* Para o período anterior à criação dos perfis, foi usado o desempenho do benchmark de cada carteira.

Como são formadas as carteiras de cada perfil

Os perfis são, na verdade, carteiras compostas por diferentes tipos de investimento disponíveis no mercado financeiro - também chamados de “ativos”. Partindo do Ultraconservador RF DI até o Arrojado RV 40, as carteiras agregam riscos crescentes, conforme seus objetivos e benchmarks (referências de rentabilidade). Entenda o que são e como funcionam esses ativos:

► Renda fixa

São títulos emitidos por governos ou empresas que pagam taxas de juros em condições definidas no momento de sua emissão, podendo ser prefixadas ou pós-fixadas. São exemplos de ativos de renda fixa as debêntures, as notas promissórias, os CDBs, as Letras de Crédito Agrícola (LCA), entre outros.

Títulos públicos

São títulos lançados por governos para financiar suas atividades, com diferentes datas de vencimento e indexadores. No Brasil, o principal emissor é o Tesouro Nacional que administra a dívida pública federal. Esses títulos são considerados os de menor risco de crédito dentro de um país.

Crédito privado

Títulos lançados por bancos e empresas para custear suas atividades e investimentos em novos projetos.

Os ativos de crédito privado costumam oferecer remuneração superior à dos títulos públicos por terem maior risco de crédito (possibilidade de o emissor do título não conseguir honrar o pagamento dos juros e o principal no prazo acordado).

Pós-fixado

Títulos públicos ou privados cuja remuneração depende da variação de um indexador de mercado como, por exemplo, um percentual do CDI. Como o preço desses títulos é corrigido pela evolução de um indicador de mercado, é baixa a probabilidade de o investidor resgatar um valor inferior ao investido. Por isso, se diz que a renda fixa pós-fixada apresenta risco de mercado inferior à renda fixa prefixada. Em contrapartida, o prêmio de risco que o investidor recebe por pós-fixados costuma ser inferior ao de outras classes de ativos.

Prefixado

Títulos públicos ou privados com rentabilidade determinada na data da compra. Vale ressaltar que essa rentabilidade será garantida somente se o investidor mantiver o título até seu vencimento e a empresa ou o governo não se tornar inadimplente. Caso o título seja vendido antes do vencimento, sua rentabilidade poderá variar bastante em decorrência das condições de mercado. Por isso, para investidores que não sabem se poderão carregar os títulos prefixados até o vencimento, esses títulos possuem risco maior que os pós-fixados.

Inflação

É a variação do nível geral de preços de bens e serviços, sendo medida pela oscilação do preço de uma cesta de produtos ao longo do tempo. O IPCA e o IGPM são exemplos de medidas de inflação usadas para definir a rentabilidade de títulos públicos e privados, usualmente acrescidas de uma remuneração fixa, por exemplo, IPCA + 4%.

► Renda variável

O principal exemplo de ativos de renda variável são ações de companhias negociadas na Bolsa de Valores. Quando um investidor compra uma ação, ele passa a ser sócio da empresa, podendo receber parte dos lucros como dividendos e, além disso, ganhar ou perder com a desvalorização dos preços das ações. Sendo assim, o rendimento de um ativo de renda variável não pode ser estabelecido previamente, uma vez que inúmeras incertezas referentes à conjuntura econômica e à qualidade da gestão acabam afetando o valor das empresas. Dessa forma, o investidor só irá conhecer a remuneração obtida no momento da venda de suas ações. Também fazem parte dessa classe de ativos as cotas de fundo de ações domésticas e internacionais.

► Multimercado

São fundos de investimento que investem em diversas classes de ativos, com graus de risco variados e poucas restrições quanto à atuação dos gestores. A maior flexibilidade para manejar diferentes classes de ativos permite aos gestores desses fundos privilegiarem, em certos momentos, uma carteira mais defensiva, ou seja, que corre menos riscos, e, em outros momentos, uma carteira com maior concentração, em função do grau de convicção do gestor em sua estratégia. Com isso, esperam-se rentabilidades superiores no longo prazo, independentemente das condições de mercado. Como os fundos dessa categoria podem trabalhar com níveis de risco bastante elevados, é necessária uma análise cuidadosa por parte dos investidores. Por não se comprometer com uma classe específica de ativos, a performance dos fundos multimercados costuma ter baixa relação com o desempenho geral do mercado, ajudando a compensar eventuais perdas em classes específicas, levando, assim, à chamada “diversificação” dos riscos.

Ultraconservador RF DI



Risco relativo do investimento

10

9

8

7

6

5

4

3

2

1

0

Como investe

Faz alocações em títulos de renda fixa pós-fixados, referenciados ao CDI, públicos e privados. Por realizar investimentos de baixo risco, os retornos esperados tendem a ser próximos ao CDI. Esse perfil não aplica em renda variável.

Para quem

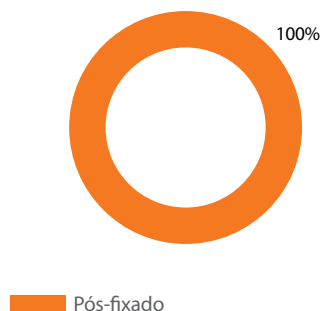
Pessoas que desejam apenas acompanhar a variação das taxas de juros (CDI), sem submeter seus investimentos a flutuações nos resultados.

Benchmark

100% do CDI
(referência de rentabilidade)

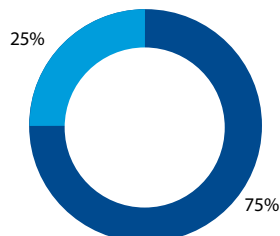
Alocação atual* (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Pós-fixado

Divisão por classe de ativo



Título Público
Crédito Privado

Rentabilidades

Acompanhe o histórico completo do desempenho das carteiras, bem como os comparativos com índices de mercado e outros dados de performance, no site da Fundação > Plano > (selecione o seu plano) > Rentabilidade.

* Em maio 2017

Desempenho

	2017* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da carteira	4,83%	13,24%	29,13%	44,01%
Retorno do benchmark	4,81%	13,26%	29,09%	43,98%
CDI	4,81%	13,26%	29,09%	43,98%
Inflação - IPCA	1,42%	3,60%	13,25%	22,85%
Ibovespa	4,12%	29,38%	18,86%	22,39%
Volatilidade* ² (% ao ano)	0,09%	0,08%	0,07%	0,08%
Retornos positivos* ³ (% dias)	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Retornos acima do benchmark* ⁴ (% de dias)	37,86%	36,51%	45,73%	45,96%

*¹ Acumulado de janeiro a maio de 2017

*² Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo.
O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*³ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva*⁴ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark



Conservador RV 7,5

Como investe

Aplica, em média, 7,5% da carteira em renda variável e, na renda fixa, aloca em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, de emissão pública e privada. Visa, no longo prazo, conseguir rentabilidades levemente superiores ao CDI. Como investe em renda variável (o intervalo permitido é entre 5% e 10% do patrimônio), pode apresentar oscilações relevantes em seu desempenho mensal, incluindo rentabilidades negativas, mas que se tornam positivas no médio prazo.

Para quem

Pessoas que querem acrescentar uma parcela de risco aos seus investimentos, procurando obter resultados um pouco superiores no longo prazo, e estão preparadas para lidar com a oscilação das taxas de juros e das Bolsas de Valores.

Benchmark

92,5% do CDI + 7,5% Ibovespa, rebalanceado mensalmente (referência de rentabilidade)

Risco relativo do investimento

10

9

8

7

6

5

4

3

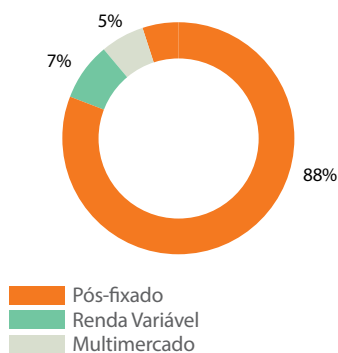
2

1

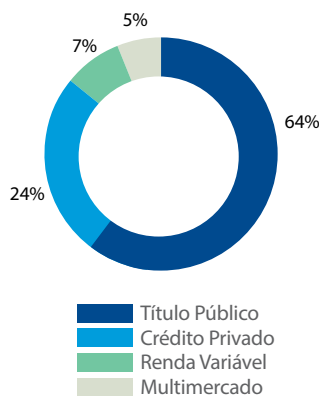
0

Alocação atual* (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Rentabilidades

Acompanhe o histórico completo do desempenho das carteiras, bem como os comparativos com índices de mercado e outros dados de performance, no site da Fundação > Plano > (selecione o seu plano) > Rentabilidade.

* Em maio 2017

Desempenho

	2017* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da carteira	4,99%	14,60%	29,47%	44,48%
Retorno do benchmark	4,79%	14,53%	28,74%	43,04%
CDI	4,81%	13,26%	29,09%	43,98%
Inflação - IPCA	1,42%	3,60%	13,25%	22,85%
Ibovespa	4,12%	29,38%	18,86%	22,39%
Volatilidade* ² (% ao ano)	2,08%	1,81%	1,78%	1,80%
Retornos positivos* ³ (% dias)	76,70%	78,57%	74,35%	72,19%
Retornos acima do benchmark* ⁴ (% de dias)	65,05%	53,57%	55,67%	53,64%

*¹ Acumulado de janeiro a maio de 2017

*² Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*³ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*⁴ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark

Moderado RV 20



Risco relativo do investimento

10

9

8

7

6

5

4

3

2

1

0

Como investe

Mantém cerca de 20% do patrimônio em renda variável (a alocação varia de 10% a 30%) e, na renda fixa, investe em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, de emissão pública e privada. Tem perspectiva de rendimentos mais atrativos no longo prazo, podendo, porém, apresentar resultados baixos ou negativos por períodos relativamente prolongados (alguns semestres).

Para quem

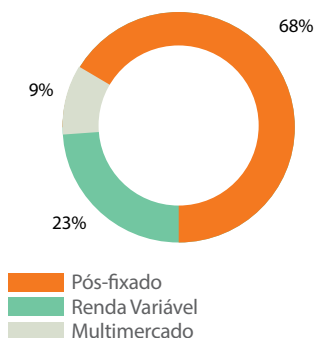
Pessoas que têm perspectivas mais longas, querem correr mais riscos do que no Conservador RV 7,5, buscando rentabilidades maiores no longo prazo, e estão aptas a conviver com variações mais fortes das taxas de juros e das Bolsas de Valores, inclusive com períodos razoáveis de rentabilidades negativas.

Benchmark

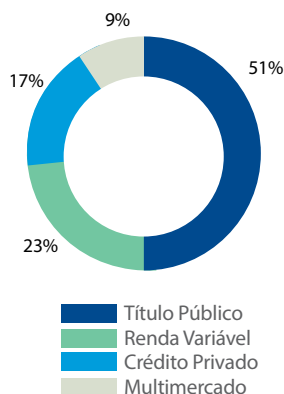
80% do CDI + 20% Ibovespa, rebalanceado mensalmente (referência de rentabilidade)

Alocação atual* (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Rentabilidades

Acompanhe o histórico completo do desempenho das carteiras, bem como os comparativos com índices de mercado e outros dados de performance, no site da Fundação > Plano > (selecione o seu plano) > Rentabilidade.

* Em maio 2017

Desempenho

	2017* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da carteira	5,45%	16,68%	31,32%	46,07%
Retorno do benchmark	4,74%	16,63%	28,00%	41,20%
CDI	4,81%	13,26%	29,09%	43,98%
Inflação - IPCA	1,42%	3,60%	13,25%	22,85%
Ibovespa	4,12%	29,38%	18,86%	22,39%
Volatilidade* ² (% ao ano)	6,59%	5,60%	5,01%	4,78%
Retornos positivos* ³ (% dias)	61,17%	65,08%	61,63%	60,13%
Retornos acima do benchmark* ⁴ (% de dias)	61,17%	55,16%	56,86%	53,64%

*¹ Acumulado de janeiro a maio de 2017*² Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico*³ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva*⁴ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark

Arrojado RV 40



Risco relativo do investimento

10

9

8

7

6

5

4

3

2

1

0

Como investe

Aloca em torno de 40% dos recursos em renda variável (a variação pode ser entre 30% e 50%) e, na parcela de renda fixa, aplica em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, de emissão pública e privada. É o perfil com maior potencial de retornos superiores em períodos mais longos, sendo também a opção com maior risco de flutuação de desempenho, com possibilidade de rentabilidades baixas ou negativas em intervalos maiores.

Para quem

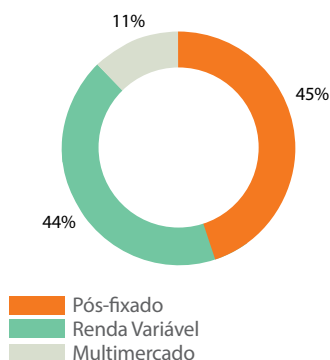
Pessoas que podem e se sentem à vontade para assumir mais riscos do que nos outros três perfis, visando alcançar rentabilidades mais expressivas no longo prazo, são capazes de enfrentar a alta instabilidade das taxas de juros e das Bolsas de Valores e suportar cenários adversos, com rentabilidades negativas por prazos mais extensos.

Benchmark

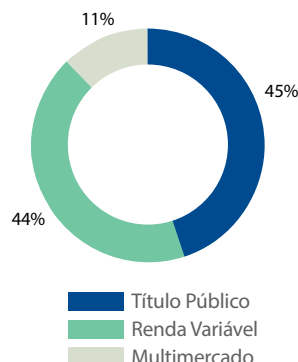
60% do CDI + 40% Ibovespa, rebalanceado mensalmente (referência de rentabilidade)

Alocação atual* (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Rentabilidades

Acompanhe o histórico completo do desempenho das carteiras, bem como os comparativos com índices de mercado e outros dados de performance, no site da Fundação > Plano > (selecione o seu plano) > Rentabilidade.

* Em maio 2017

Desempenho

	2017* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da carteira	5,75%	18,96%	32,19%	46,22%
Retorno do benchmark	4,64%	19,08%	26,81%	38,52%
CDI	4,81%	13,26%	29,09%	43,98%
Inflação - IPCA	1,42%	3,60%	13,25%	22,85%
Ibovespa	4,12%	29,38%	18,86%	22,39%
Volatilidade* ² (% ao ano)	11,63%	9,75%	8,59%	8,12%
Retornos positivos* ³ (% dias)	59,22%	61,90%	57,65%	56,42%
Retornos acima do benchmark* ⁴ (% de dias)	63,11%	55,56%	56,86%	54,44%

*¹ Acumulado de janeiro a maio de 2017*² Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico*³ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva*⁴ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark



O que representa um cenário de queda da taxa de juros

Em outubro do ano passado, a taxa Selic estava em 14,25% ao ano, após diversas elevações com o objetivo de conter o aumento dos preços. Desde então, o Comitê de Política Monetária (Copom) vem diminuindo a taxa básica de juros a fim de incentivar a retomada do crescimento, ao mesmo tempo em que assegura a continuidade do controle inflacionário. Mesmo com a trajetória de queda, a taxa de juros real (descontada a inflação) no Brasil ainda é a maior do mundo. Há, portanto, margem para reduzir ainda mais o nível da Selic que, segundo projeções da Itaú Asset Management, deverá chegar ao final deste ano em 8,5%*. Nesse momento de decisão em relação aos seus investimentos, é bom entender os impactos desse cenário. Confira nessa entrevista com Mirella Sampaio, economista da área de Pesquisa Econômica da Itaú Asset Management, como entender o panorama atual:

• O que é taxa Selic?

Segundo o Banco Central, a Selic é a taxa de juros média que incide sobre os financiamentos diários com prazo de um dia útil, lastreados por títulos públicos registrados no Sistema Especial de Liquidação e Custódia (Selic). Ela é estabelecida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) em reuniões que ocorrem oito vezes por ano (aproximadamente a cada seis semanas).

• Qual seu impacto na economia?

Costumamos dizer que a taxa de juros exprime o custo do dinheiro, pois ela expressa o custo de se trocar consumo hoje por consumo amanhã. Dessa forma, a teoria econômica sugere que quando a taxa de juros é mais alta, existe um desincentivo ao consumo corrente em favor do consumo futuro – isto é, os agentes têm um ganho maior ao adiar o seu consumo (o que leva ao aumento da poupança). Para a economia, esse aumento representa uma provável redução no ritmo de expansão da atividade, pois os investimentos ficam mais caros.

• Por que o Copom está baixando a taxa de juros?

No biênio compreendido entre 2015 e 2016, acompanhamos uma forte aceleração inflacionária, o que exigiu a manutenção de um viés de aperto das condições monetárias por um período prolongado, com taxa de juros mais alta. Nos últimos trimestres, no entanto, notamos uma evolução favorável tanto dos indicadores correntes de inflação quanto das expectativas. Dessa forma, abriu-se espaço para uma mudança na condução da política monetária.

* Na última reunião do Copom, concluída no dia 31 de maio, a taxa foi novamente reduzida, ficando em 10,25% ao ano.

- **Essas decisões são tomadas a partir de que premissas?**

As decisões do Copom são pautadas na avaliação da conjuntura econômica doméstica e internacional, bem como no balanço dos riscos projetados. Para tanto, os diretores do Banco Central do Brasil analisam o comportamento de diversos indicadores econômicos relevantes, tais como o nível de utilização dos fatores de produção, o nível de atividade, a evolução da taxa de câmbio e dos preços domésticos. O ambiente econômico atual, marcado pela recuperação gradual da atividade e pela ancoragem das expectativas inflacionárias, é condizente com a continuidade do processo de queda de juros.

- **Como a Selic influencia os investimentos das pessoas físicas?**

Por se tratar da taxa básica de juros, a Selic influencia a formação de preços de todos os ativos na economia brasileira. Assim sendo, podemos dizer que ela é um balizador importante para pensarmos a relação risco x retorno das alternativas disponíveis para os investidores.

- **Pensando na previdência, um investimento essencialmente de longo prazo, o que as taxas de juros menores representam?**

Na medida em que o investidor deseja assegurar um determinado nível de renda no futuro, avaliamos que a queda da taxa de juros representa um desafio. Isso porque será necessário reservar uma parte maior do orçamento corrente para garantir o mesmo volume de recursos no futuro ou buscar alternativas de investimento cujo rendimento seja mais atrativo. Não existe uma receita universal e o ideal é que cada investidor avalie as diferentes opções e combinações sem perder de vista os seus objetivos individuais.

- **Quais as perspectivas para a economia nos próximos meses?**

Os dados econômicos parecem sugerir que estamos em marcha para sair da maior recessão de nossa história. Ainda assim, esperamos que tal movimento seja bastante gradual, com crescimento de 0,2% no ano de 2017. A boa notícia é que acreditamos em uma taxa de crescimento mais elevada a partir



de 2018 (2,0%), refletindo a combinação de impulso monetário (queda de juros), melhora da confiança e do mercado de trabalho. Pelo lado da inflação, não identificamos pressões relevantes no curto ou médio prazo. A existência de ampla capacidade ociosa limitará aumentos consistentes dos preços, de modo que esperamos que o IPCA encerre tanto 2017 quanto 2018 abaixo de 4,0%. Todas essas perspectivas, vale destacar, estão nesse momento sujeitas aos encaminhamentos e desdobramentos do cenário político que, novamente, enfrenta dificuldades que podem ter reflexos prejudiciais sobre as expectativas para a economia brasileira.

- **Quais as melhores decisões dos investidores (no curto, médio e longo prazo), pensando num cenário de taxas de juros mais baixas?**

Conforme já disse anteriormente, cada investidor deve avaliar os seus objetivos de curto, médio e longo prazo, pois só assim será possível identificar qual é a melhor estratégia a seguir. Para alguns, um cenário de queda sustentável da taxa de juros exigirá maior nível de poupança, enquanto para outros o novo cenário poderá demandar uma reavaliação completa de seu portfólio, incluindo a análise de outras classes de ativos com maior risco, visando à possibilidade de rentabilidades mais interessantes. É sempre bom reforçar que as melhores decisões são aquelas tomadas de modo consciente, deixando o investidor confortável com o nível de risco assumido e satisfeito com o retorno esperado.



Um teste para ajudar ainda mais

Na Área do Participante do site da Fundação (login com seu CPF e senha), você encontra um teste que pode contribuir na avaliação do perfil mais apropriado a você. São 18 perguntas que dizem respeito, por exemplo, às suas reservas financeiras para emergência, à sua disposição para assumir riscos financeiros e à forma como encara suas decisões de investimento.

Ao final, a ferramenta sugere o perfil mais adequado às suas respostas, de acordo com sua capacidade e atitude em relação aos riscos. É apresentado, então, o descritivo detalhado dessa opção, bem como das outras três carteiras existentes. Ou seja, a decisão final é sua, o teste serve apenas para orientar sua escolha.

Se quiser mudar

A troca de perfil poderá ser realizada de 1º a 31 de julho. Caso você deseje alterar sua opção, clique no banner referente à troca de perfil na página inicial do site da Fundação. No link para efetuar a troca, o acesso será direcionado para a Área do Participante, onde deverá seguir as instruções na aba Campanhas. Após a confirmação, é necessário imprimir o Termo de Opção que deve ser assinado e encaminhado à Fundação Itaú Unibanco para efetivar a troca. Serão aceitos os formulários recebidos pela Fundação até o dia 16 de agosto de 2017. A nova escolha entrará em vigor em setembro.

Endereço: Rua Carnaubeiras, 168 – 3º andar | Jabaquara CEP 04343-080 - São Paulo/SP

Explicações também em vídeo



Neste ano, a Fundação está apresentando mais uma novidade: um vídeo que divulga, de modo simples e didático, o que são os perfis, as diferenças entre eles e os tipos de investimento que fazem. O vídeo está na área aberta do site da Fundação. Vale a pena conferir!

Mais informações?

Por telefone ou fax

São Paulo (SP)

De 2ª a 6ª feira – das 8h às 19h
Fone 11 4002 1299 | Fax 11 5015 8443

Demais localidades:

Fone 0800 770 2299

Pela internet

www.fundacaoitaunibanco.com.br
"Canal Fale Conosco"



Pessoalmente

Belo Horizonte (MG)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Rua Albita, 131 – 4º andar | Cruzeiro
CEP 30310-160

Curitiba (PR)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Rua Marechal Deodoro, 869 – 17º andar | Centro
CEP 80060-010

Goiânia (GO)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Av. República do Líbano, 1551 – Sala 602
Ed. Vanda Pinheiro | Setor Oeste
CEP 74125-125

Recife (PE)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Av. Rui Barbosa, 251 – 4º andar
Ed. Parque Amorim | Graças
CEP 52011-040

São Paulo (SP)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Rua Carnaubeiras, 168 – 3º andar | Jabaquara
CEP 04343-080